

Comitê de bancos está otimista com o Brasil

Marcílio e Rhodes prevêem que acordo sairá ainda neste semestre

PAULO SOTERO

Correspondente

NOVA YORK — Numa demonstração pública de harmonia e vontade política para o entendimento, rara na acidentada história das relações do Brasil com seus credores nos últimos dez anos, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e o vice-presidente do Conselho de Administração do Citicorp, William R. Rhodes, previram ontem que o País e os bancos internacionais chegarão a um acordo de redução e reestruturação da dívida externa brasileira "ainda neste semestre". As negociações devem ser retomadas em duas semanas.

"Tivemos uma discussão positiva e otimista", afirmou Rhodes, depois de um almoço que o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Rubens Ricúpero, e o ministro da Economia ofereceram a dirigentes de sete grandes bancos americanos, no Hotel Inter-Continental. O alto executivo do Citicorp, que supervisiona o Comitê de Bancos Credores, evitou falar dos problemas potenciais que existem no caminho de um acerto e procurou ressaltar o lado positivo. "O ministro nos disse que o Brasil está ansioso para chegar a um acordo (que obviamente faça sentido para o Brasil) e os bancos responderam da mesma forma", disse Rhodes. "Agora, é pôr mãos à obra."

Perguntado, por exemplo, se o fato de o Brasil ter precisado pagar mais do que gostaria para obter o reescalonamento de suas dívidas com governos, no Clube de Paris, não teria um efeito negativo nas negociações, limitando a capacidade de pagamento do País aos bancos, o vice-chairman do Citicorp classificou o acordo entre os governos e os credores oficiais de "positivo, porque as autoridades podem dedicar-se agora em tempo integral à busca do acordo com os bancos comerciais".

Sobre a inflação, que precisa cair de forma significativa nos próximos meses para justificar a dura política de estabilização adotada pelo governo e tornar possível o cumprimento do que foi negociado com os bancos, Rhodes disse que confia em Marcílio. "Perguntamos ao ministro sobre a inflação e ele disse que sente que será capaz de observar o acordo com o Fundo Monetário Internacional", afirmou o banqueiro. "Minha relação com o ministro Marcílio é antiga e sei que ele cumpre o que promete." O banqueiro defendeu a estratégia gradualista que o governo Collor vem usando, por falta de alternati-

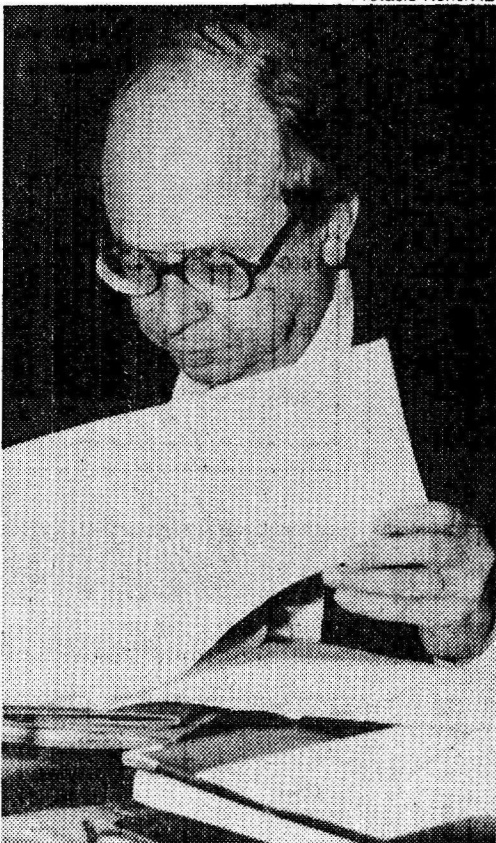
va, para combater a subida dos preços. "Às vezes é melhor ter um programa realista para baixar a inflação do que políticas que só produzem resultados temporariamente", disse ele, referindo-se às várias estratégias fracassadas que o Brasil experimentou nos últimos cinco anos.

Marcílio esquिवou-se de falar em números específicos. "Não faço previsões exatas sobre a inflação porque isso seria uma interferência do ministro na dinâmica da economia", disse. Ele explicou que a taxa de 2% mensais de inflação em dezembro, que está implícita nas metas de desempenho negociadas com o FMI,

não é um objetivo, mas sim um reflexo da execução de políticas corretas. "Estou convencido de que o objetivo de reduzir significativamente a inflação até o final do ano é alcançável porque para isso convergem as políticas fiscais, monetárias, o aumento da produção agrícola e outros fatores estruturais, como o aumento da produtividade e a abertura da economia."

Depois do almoço com os banqueiros, acompanhado por Ricúpero e o negociador da dívida, Pedro Malan, o ministro da Economia caminhou vinte quadras da Park Avenue, até a sede do Council of Foreign Relations, onde continuou o esforço para "vender" o programa brasileiro. Ao Estado ele disse que o pior da recessão já passou. "Nos próximos meses vamos administrar as expectativas."

Protásio Nêne/AE



Ministro Marcílio

"Políticas fiscal e econômica forçam a queda da inflação"